



Luiz de Lima (o Patrão) e Geraldo Mateus (Bartolomeu), no primeiro mimodrama brasileiro, cuja estréia se fará, em festa de gala, dia 19, em Campinas, com toda a crítica teatral de S. Paulo presente. (Foto Badlá Vilató).

★ TEATRO ★

CLAUDE VINCENT

O primeiro mimodrama no Brasil

DIA 19, com a crítica teatral de S. Paulo presente, a Escola de Arte Dramática de S. Paulo dá a estréia mundial, em Campinas, do mimodrama baseado em "Bartleby, o Escrivão" de Herman Melville.

Conforme a TRIBUNA noticiou, há meses, Luiz de Lima (que trabalhou com Decroux e Marceau) prepara o mimodrama. Tal o entusiasmo despertado nos meios teatrais, que o diretor Alfredo Mesquita resolveu fazer encenação de gala.

— "Será inédito sob três ângulos", diz Luiz de Lima. "É a primeira vez que se faz mimodrama com arquitetura cênica funcional. Badlá Vilató, o grande publicista, que trabalhou com os melhores de Paris, está em S. Paulo. Criou-nos trainéis de cores, roupas, cartazes (revolucionários, estes) e fotografias".

— "Que mais, de inédito?"

— "A música. A do "Capote", de Gogol, usada por Marceau, era melódica. Ajudou a assistir, não a se integrar no espetáculo. Willys de Castro, aluno de Kollreuter, nos fez música de pulsação, dodecafônica, para sustentar a tragédia e integrar o público no mimodrama".

— "Qual a terceira inovação?"

— "A sintetização do tempo e do espaço pelo gesto. Três dias seriam necessários para contar a "recusa do Bartolomeu", mas a sintetização dos gestos, a fusão dos mesmos, as mutações de luz (300: fabricamos o nosso reostato!) fizeram, dos 3 dias, 45 minutos..."

— "Inventou os gestos?"

— "Nem Barrault, nem Marceau, nem eu: Decroux foi o criador. Por exemplo: o braço esquerdo horizontal significa "mesa"; o braço direito com dedos em movimento é "escrituração" — e isso, tanto no "Capote" quanto no meu Bartolomeu. Apenas o ritmo muda. O gesto, digamos, se faz em 10 tempos: os do "Capote" são contados mais de vagar que os meus. O "laboratório" da Escola tornou possível as modificações".

— "Pretende provar algo, com o mimodrama?"

— "Absolutamente; depois, faremos teatro jalado. Apenas vamos contar, sem uma palavra, sentimentos humanos, atingindo, pela mímica, o nível da tragédia. Diante da morte, Bartolomeu sustenta o direito de dizer "Não!" ao Patrão. Fica de costas para o público. O Patrão dá um toque no braço dele; não vê que Bartolomeu está morto. Este cai, virando o rosto para a plateia, numa atitude de Mater Dolorosa. Ai, entra a música de pulsação".

— "Qual o elenco?"

— "Faço o Patrão; os outros são estudantes. Geraldo Mateus, Jorge de Andrade (que recebeu menção honrosa por "Faqueiro de Prata", no concurso do IV centenário); Emilio Fontana, Jorge Fisher, Marly de Mendonça e mais uma meia dúzia. Será um grande trabalho. Você devia vir ver a estréia em Campinas..."

DA IMPRENSA

SEIJO, QUARTA-FEIRA, 2 DE SETEMBRO

O CERTIFICADO DE BOA CONDUTA

Para sair do país, qualquer pessoa precisa de dezenas de papéis e certidões, entre os quais o mais importante — e ao mesmo tempo o mais difícil de obter — é o já célebre certificado de boa conduta. Pessoas consideradas oposicionistas, ou que apenas nutram simpatias pela política dos radicais, jamais conseguem o difícil certificado. Até gente de confiança do regime tem de lutar por ele, e o prazo mais curto para se obter a preciosa papeleta vai de dez dias a dois meses. Mais depressa, só a conseguem os peronistas destacados, as pessoas ligadas à Casa Rosada. Gente desejosa de viajar para o Brasil não obtém com facilidade essa certidão. E solicitar o certificado para visitar Porto Alegre (como uma maneira disfarçada de atingir o Uruguai) já constitui, hoje, um crime, pois as autoridades peronistas estremecem de horror só de pensar nas liberdades democráticas vigorantes na República Oriental.

PERSEGUIÇÃO AO COMÉRCIO

As medidas tomadas contra o comércio são surpreendentes. Conta-se que uma turma de fiscais fechou uma quitanda porque o dono da mesma possuía um gato, violando, deste modo, regulamentos de higiene e saúde pública. A mesma turma fechou, na mesma tarde, uma outra quitanda — e por falta de gato, com a excelente argumentação de que, sem a presença aterradora do felino, os ratos podem circular livremente sobre as frutas e legumes, contaminando gêneros alimentícios uma violação criminosa dos re-

Fugiu do "parai

História de ratos na A do justiça

Quase não se dá a f boá conduta — Med morte do gene

RECENTEMENTE, conversando com um refugiado argentino, a naturalidade da oposição argentina, conseguiu escapar algumas dificuldades, conseguiu escapar. Narrou-nos o refugiado uma vez sem ser registrados, pois ilustrando as atuais condições de

regulamentos de higiene e saúde pública...

A BOLSA JUSTICIALISTA

São numerosas as prisões de mercaderes sob a acusação de roubar no peso das mercadorias, tendo estes alegado em defesa a possibilidade de que mercadorias em falta talvez um por acidente dos invólucros mal fechados. Tanto basta para que fôsse decretado o obrigatório de um tipo uni-

Todo o país pela liberdade

CARTAS e telegramas continue, praticamente de todos, e solidariedade à campanha em favor de libertar a imprensa da tirania da administração da colônia.

Prepara-se a convulsão

DO senhor Carlos Gomes e Souza, Rio:

"Os diretores do Banco do Brasil, do presidente, aliás, não iria dar dinheiro a essa gente se que viesse ordem de cima.

Tenho para mim que TRIBUNA DA IMPRENSA está perdendo um tempo precioso com esse "micharia", enquanto se prepara sub-repticiamente a convulsão do país. Fêz-se o circo, o pessoal se diverte como no tempo dos saques, enquanto lá em cima conspira contra a pátria e os homens que não querem negócios com os Walner, Lodi, Jafet et cetera".

Personalismo barato

país verdade

hegando, em escala crescente, do Brasil. Trazem apoio dada por este jornal, no sentido econômico do Estado e moralica.

e esses homens se tratam a si mesmos e à Pátria.

O Brasil ainda tem filhos em cujo peito pulsa um coração para lutar a chama da liberdade e justiça".

Últimas horas

DO sr. F. Araújo, Rio: "Infelizmente, muitos brasileiros fanatizaram-se por esse jornal, do qual me causa nojo proclamar o nome, que é "Última Hora"; porém, já está nas últimas horas, pois o nome foi muito bem empregado".

Uma rocha

DO sr. Alberto Ferrelira, Rio: "Tenho fé na Comissão de Inquérito que constitui uma ro-

Rio de Janeiro, 2 de setembro de 1953

TRIBUNA DA IMPRENSA